



“GINNAS E CRISTIANES”: FACES DO COTIDIANO EM HISTÓRIAS SEM FRONTEIRAS

 10.5935/2177-6644.20210029

“GINNAS AND CRISTIANES”: FACES OF
EVERYDAY LIFE IN STORIES WITHOUT
BORDERS

“GINNAS Y CRISTIANES”: CARAS DE LA
VIDA COTIDIANA EN HISTORIAS SIN
FRONTERAS


Mateus José Da Silva Santos*

 <https://orcid.org/0000-0002-7726-6136>

CEZARINHO, Filipe Arnaldo (Org.). **A História vista pelo cotidiano: lugar de vivências e resistências.** Bauru: Gradus, 2020, 235 p.

“Visto de seu interior, o cotidiano parece eterno. O desafio do historiador social é mostrar como ele de fato faz parte da história” (BURKE, 1992, p. 24). Com essas palavras, o historiador Peter Burke lançou um horizonte possível para os seus pares, no sentido de, ao construírem uma História capaz de olhar para outros ângulos além “de cima”, ampliarem os atores, as perspectivas e as diferentes atividades humanas em suas investigações. No cumprimento dessa tarefa, *A História vista pelo cotidiano: lugar de vivências e resistências* oferece ao historiador e aos amantes desse ofício uma perspectiva plural sobre o cotidiano na História, capaz de reunir diferentes formas de vivências e resistências em um só lugar.

Organizada pelo historiador Filipe Arnaldo Cezarinho, os treze capítulos que compõem esta coletânea possuíam como ponto de partida o Simpósio Temático de mesmo nome, proposto na *I Semana Internacional de História e IX Semana de Ciências Humanas da UFMS*, evento ocorrido em setembro de 2020. Como característica das atividades acadêmicas nesse momento pandêmico, o encontro virtual propiciou a interação entre pesquisadores das mais diferentes partes do país. Na origem dos traçados das Histórias narradas ao longo dessa obra estão historiadores e historiadoras, mas também profissionais de outras áreas, oriundos do Nordeste, do Centro-Oeste, do Sudeste e do Sul, contribuindo na produção de olhares diversos sobre o cotidiano.

* Mestrando em História Social pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). 
<http://lattes.cnpq.br/7918843257483351> - E-mail: mateus_santos29@hotmail.com.

Em páginas que, como fios, unem diferentes acadêmicos, o sentimento de um cotidiano que, ao se tornar “um ramo privilegiado para a escrita da História” (CEZARINHO, 2020, p. 11), demonstra seu potencial de não se submeter às fronteiras geográficas, sociais e teórico-metodológicas na produção de conhecimento é uma das principais características dessa obra. De Irati à Cruz das Almas, passando pela Alemanha dos tempos de Hitler e pelo Paraguai de Stroessner, das catadoras de lixo de Santo Amaro da Purificação aos poemas de Helena Kolody no Paraná, da relação entre literatura e História aos estudos de processos crimes, a viagem ao cotidiano de vivências e resistências nos leva ao encontro de diferentes lugares, sujeitos e fontes, em curtas narrativas que, antes de serem propriamente pontos de chegada, evidenciam trilhas possíveis a serem seguidas por parte daqueles que se interessam pela História do Cotidiano.

Nossa primeira parada é na Bahia. Da região do Recôncavo, histórias como a das catadoras Ginna e Jaci, nomes fictícios, compõem a análise proposta por Franz Arnaldo Cezarinho. A partir dos fragmentos das narrativas, este autor repensou o cotidiano das catadoras num quadro mais amplo das relações de trabalho dentro do sistema capitalista e dos efeitos de processos como a industrialização e a urbanização. Ao discutir tais mulheres à luz desses fenômenos, Cezarinho expõe a interessante relação desenvolvida entre estas e o seus ofícios, marcado pelo sentimento de autonomia e domínio da própria atividade exercida. Nessa perspectiva, ao dar vozes às referidas mulheres, este autor traça aspectos das vivências dessas catadoras, resistindo às condições precárias decorrentes da ausência do Estado e de organizações de apoio, e fazendo do lixo uma porta de entrada para a construção de uma relação diferenciada com o seu próprio ofício.

Ainda no Recôncavo Baiano, temos a oportunidade de conhecer alguns personagens de uma tradição que marca a História e a Memória da cidade de Cruz das Almas. Sujeitos como Júnior e a espadeira Janaina contribuíram para “o outro olhar” proposto por Filipe Arnaldo Cezarinho sobre a Guerra de Espadas no município (CEZARINHO, 2020, p. 69). Ao pensar a violência enquanto uma via de conquista de determinadas metas estipuladas por um ou mais atores sociais, a relação dos cruzalmenses com esta tradição adquire contornos de resistências individuais e coletivas, diante do processo de criminalização imposto pelo Estado. No viver o espetáculo das luzes, conceitos de Guerra e violência ganham novas significações a partir das experiências dos atores envolvidos na cena espadeira, captados a partir da oralidade e da análise de periódicos.

Da Bahia ao Pernambuco, encontramos neste outro estado nordestino outro capítulo do cotidiano na História. José Luiz Xavier Filho analisa o Quilombo Sambaquim, em Cupira-PE, a partir dos olhares de seus próprios atores, os quilombolas. No jogo entre memória e tradição,

explorando fontes orais, o autor evidencia o processo de construção de identidade desses sujeitos a partir dos efeitos do reconhecimento da comunidade por meio da certificação. A relação desses quilombolas com o espaço e o tempo também é explorada ao longo deste capítulo, num processo que reconhece a natureza dinâmica dessas comunidades. Enquanto histórica expressão de resistência, o texto demonstra parte dos desafios cotidianos do Quilombo e de seus sujeitos na luta contra o preconceito, analisando em que medida o reconhecimento jurídico e a afirmação de pertencimento representam trunfos nesse enfrentamento.

Cinco capítulos, em especial, versam sobre o cotidiano a partir do estado do Paraná. José e Augusto são os principais nomes da narrativa contada por Zuleide Maria Matulle sobre um crime ocorrido num baile residencial de União da Vitória em 1947. Na relação entre violência e cotidiano, a autora destaca como a primeira se torna “um mecanismo utilizado pelos sujeitos para a resolução de conflitos interpessoais” (MATULLE, 2020, p. 93). Por meio dos processos criminais, a autora sugere como os bailes eram importantes espaços de interação social entre os indivíduos daquela localidade, momentos de confraternização, mas também marcados pela produção de conflito, como aquele que levou à morte o polonês Augusto.

Em Irati - PR, conhecemos o caso de Doralinda. Marcelo Douglas Nascimento Ribas Filho e Hélio Sochodolak nos apresentam, a partir de um processo crime, os desdobramentos de uma acusação de defloramento, tendo como um dos principais envolvidos o jovem Augusto. Considerando os mais de três anos do processo entre 1943 e 1946, os referidos autores apresentam como tal documentação sobre um caso de violência sexual pode contribuir para uma análise acerca dos discursos e das visões sobre a honra das mulheres, mesmo diante das mudanças no Código Penal a partir da eliminação da categoria “defloramento” e da própria noção de honestidade na letra da lei. Assim, um olhar sobre a História de Doralinda nos permite analisar como a permanência desses elementos ultrapassa a narrativa, surpreendendo aos leitores pelo seu desfecho.

Da mesma cidade paranaense, as tensões entre a chamada medicina científica, revestida com contornos de legalidade, e o curandeirismo são o tema de Henrique Alexandro Senderski. Explorando um processo-crime, a identidade do curandeiro Bonifácio enquanto um criminoso se insere num complexo cenário de transformação das práticas de saúde, nos esforços de afirmação da legitimidade da medicina dita científica diante das permanências e da própria coexistência do curandeirismo com a mesma. Mais uma vez, o processo-crime enquanto fonte histórica é explorado a partir de seu potencial em contribuir ao historiador com questões e respostas relativas às vivências e as resistências de atores imersos em sociedades em transformação.

Chegamos à capital Curitiba. Na passagem entre os anos 1920 e 1930, recorte temporal da análise de Wellington do Rosário de Oliveira, traços do cotidiano de um processo de modernidade acelerada são abordados a partir do conflito entre essa dita nova ordem e a permanência de práticas consideradas indesejadas por parte do Estado. Nesse sentido, o autor investiga a situação das meretrizes estrangeiras na cidade, considerando o processo de saneamento social empreendido pelas autoridades e sustentados a partir da imprensa e das forças de segurança. Nas tentativas do Estado de delimitar e controlar os espaços de prostituição e todo esse outro lado da Curitiba Moderna, a “escravidão branca”, conforme classificada por seus contemporâneos, foi alvo das ações policiais, considerando os processos de circulação dessas mulheres, mas também o quadro de criminalização no qual estas foram inseridas.

Tiago Boruch e Augusto Borges nos levam a reconhecer a diversidade de representações do feminino no interior dos poemas de Helena Kolody, paranaense de ascendência ucraniana. No seio do processo migratório, as palavras de Kolody nos conduzem em direção às diferentes mulheres representadas na sua arte, tais como as religiosas e aquelas envolvidas no trabalho rural. Os dilemas das mulheres migrantes, imersas em meio ao desafio de transformação das suas próprias identidades, constitui um dos elementos mais centrais dessa análise.

Em mais uma aproximação entre violência e cotidiano, Ludmilla Muller nos apresenta Cristiane Stefanny Vidal Venceslau, travesti, liderança sul-mato-grossense. Por meio dessa fonte oral, alinhada a outros documentos, a autora reconstitui parte da trajetória de violências e resistências sofridas desse grupo, com ênfase para a construção de organizações políticas voltadas para a defesa dos direitos LGBTs, como se pode ver a partir da atuação da Associação de Travestis e Transexuais de Mato Grosso do Sul (ATMS).

Dois capítulos discutem a educação na perspectiva do cotidiano na História. Analisando os desafios enfrentados pelo sistema educacional no contexto da pandemia de COVID-19, tendo como recorte o estado do Mato Grosso, Ana Paula Copetti Bohrer chama atenção para a situação dos alunos com deficiência. Se nas últimas décadas o conceito de educação inclusiva avançou por meio das garantias constitucionais e legislativas nas mais diferentes esferas, a construção de uma inclusão plena reside num descompasso diante da primeira situação. Enquanto “um processo de resistência, de sobrevivência” (BOHRER, 2020, p. 161), a luta pela efetiva inclusão encontra na pandemia um novo desafio. Diante dos processos de retomada das atividades escolares de forma virtual, a situação dos estudantes com deficiência foi desconsiderada pelas autoridades educacionais, tendo em vista a inexistência de metodologias capazes de incluir com efetividade tais alunos. Nesse

sentido, num contexto marcado pela necropolítica e seus nocivos efeitos para os mais diferentes segmentos da nossa população, o Estado patrocina o reforço da exclusão, aumentando os problemas de um processo de reorganização da educação que efetivamente se mostra desorganizado e despreparado.

Saindo do Mato Grosso, encontramos em Minas Gerais outra discussão sobre o cotidiano e educação com João Carlos de Oliveira. Este autor discute a situação institucional e curricular da Escola Técnica de Saúde da Universidade Federal de Uberlândia, considerando os seus mais diversos cursos. Analisando as Fichas de Componentes Curriculares (FCC) e os Projetos Pedagógicos dos cursos (PPC), constatou-se a quase ausência de discursões étnico-raciais, em detrimento da presença das temáticas ditas ambientais na organização dos cursos e das disciplinas. Tal dicotomia chama atenção, tendo em vista a limitação exposta quanto à operacionalização sugerida sobre conceito de educação ambiental, reduzido a uma modalidade do ensino e, neste caso, incapaz de lidar com outras variáveis fundamentais para a compreensão da saúde ambiental e seguindo às diretrizes expressas em diferentes leis que convergem para a construção de um ensino atrelado à diversidade social e étnica.

Ultrapassando as fronteiras brasileiras, dois capítulos tratam da história do cotidiano a partir do Paraguai dos tempos de Stroessner e da Alemanha dos tempos de Hitler. No primeiro caso, Elisandra Tomascheski disserta sobre os efeitos da longa ditadura de Alfredo Stroessner na vida econômica e social paraguaia. Diante de uma longa trajetória de exclusão dos povos menos favorecidos, tal fase autoritária se notabilizou pelo aprofundamento de um desenvolvimento econômico voltado para fora, favorecendo o capital estrangeiro e ampliando a desigualdade social. Um dos pontos altos de sua discussão reside no reconhecimento do fenômeno da migração de brasileiros para o país vizinho e suas respectivas inserções na estrutura econômica do país, em especial, no campo. O avanço dos chamados “brasiguaios” contribuiu para a elevação das diferenças naquela sociedade, com efeitos significativos para os camponeses paraguaios, sujeitos à marginalização num cenário outrora já desigual.

Cristina Pasquetti Massutti propõe uma interessante relação entre literatura e história na análise de *A Menina que Roubava Livros*. Por meio do capítulo de sua autoria, nossa viagem chega até a Alemanha Nazista. A História de Liesel Meminger serve como plano central para a discussão sobre o cotidiano, enfatizando aspectos relativos à relação com a sua família adotiva, sua inserção na escola e os efeitos da ascensão nazista na vida dos principais personagens. Nessa perspectiva, a autora evidencia novas possibilidades de pesquisa sobre o cotidiano a partir da literatura, apontando

a importância da análise desta obra para o exercício de uma História vista a partir de outros ângulos e composta por outros sujeitos.

Num conjunto de histórias sem fronteiras, os treze capítulos que compõem essa coletânea se destacam pela criatividade e a diversidade teórico-metodológica, proporcionando aos leitores algumas portas de entrada para o amplo universo de estudos da História do cotidiano. Ao historiador “andarilho”, como nos sugere Michel de Certeau (1995), capaz de invadir zonas silenciadas, mas também revisitar e ressignificar o reiteradamente dito, *A História vista pelo cotidiano* é uma interessante opção para aqueles que desejam caminhar em busca de uma ciência histórica que inventa e se reinventa constantemente, capaz de, mesmo num contexto de pandemia, oferecer-nos boas doses dessa narrativa dos homens e das mulheres no tempo e no espaço a partir daqueles que, por muito tempo, não foram dignos considerados Homens e Mulheres (com letra maiúscula) para a História, nem tampouco atores do tempo e do espaço investigado pelo historiador.

Referências

BURKE, Peter. Abertura: a Nova História, seu passado e seu futuro. In: _____ (Org.). **A Escrita da História: Novas Perspectivas**. São Paulo: UNESP, 1992, p. 7-37.

CERTEAU, Michel de. A operação histórica. In: LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre. **História: Novos Problemas**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1995, p. 17-48.

CEZARINHO, Filipe Arnaldo (Org.). **A História vista pelo cotidiano: lugar de vivências e resistências**. Bauru: Gradus, 2020, 235 p.

Recebido em: 12 de outubro de 2021.

Aprovado em: 18 de novembro de 2021.